

A internet como ferramenta facilitadora na preparação de material didático para o ensino de leitura em língua inglesa no Labler

Ana Maria Montardo, Graciela Bessow, Patricia Marcuzzo e Leandro Lemes do Prado[©]

Resumo[©]

O presente trabalho constitui-se em uma reflexão sobre a elaboração de material didático de leitura em língua inglesa no Laboratório de Leitura e Redação - LabLer, utilizando a Internet como fonte de coleta de textos. Para que o material utilizado nas aulas seja sempre atual, buscaram-se textos recentes produzidos por e dirigidos a falantes nativos de língua inglesa. Os textos são selecionados previamente, visando atingir os objetivos propostos pelo LabLer: a qualificação da formação de professores de línguas do curso de Letras e o ensino de línguas para alunos carentes, moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU) da UFSM. O uso da Internet para a elaboração não apenas facilita o trabalho do professor, mas, principalmente, possibilita ao aluno ter contato com eventos de leitura efetivos. O aluno lê textos reais, escritos para efetiva comunicação de usuários da língua. Os resultados evidenciam-se em, pelo menos, dois aspectos: o aluno-tutor desenvolve competências de leitura e de língua que qualificarão sua prática pedagógica; e o aluno das CEUs desenvolve habilidades de leitura em inglês que qualificarão sua futura prática profissional.

A habilidade de leitura vem sendo tratada como a mais adequada para o ensino de língua estrangeira na escola brasileira, por se tratar de uma habilidade útil e passível de ser aprendida, de forma continuada, no nosso meio (Moita Lopes,

1996:134).

Tal tendência, adotada pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, aponta para a necessidade de se trabalhar leitura como prática social: a interação do sujeito com o seu meio e a sua formação como sujeito transformador da sociedade se dá por intermédio do processo de leitura (*idem:ibidem*). Esse processo de leitura pressupõe uma interação, mediada pelo texto, entre os contextos sócio-históricos de leitor e autor de forma a produzir significados. Deve-se possibilitar ao aluno o uso da linguagem como texto, isto é, um sistema de representação de sentidos, de (re)construção de relações sociais que se estabelecem entre os participantes (leitor e escritor) de um dado contexto ou situação (na escola, na universidade, etc.)

A leitura, nesse sentido, possibilita ao aluno reconhecer-se como sujeito, organizando e representando o mundo que o cerca (Motta-Roth, 1998:07).

A partir dessa visão do texto, o Laboratório de Leitura e Redação - LabLer vem trabalhando com o objetivo de desenvolver essa prática social em seus alunos no curso de leitura em língua inglesa.

O LabLer é um projeto de pesquisa e ensino, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), com o objetivo de qualificar o ensino de graduação em Letras. A idéia central é proporcionar aos acadêmicos do curso de Letras, engajados no projeto, o contato com a sala de aula e com a preparação de material didático antes da Prática de Ensino.

Tradicionalmente, na grade curricular do

[©] Trabalho orientado pela Prof^a Dr^a Désirée Motta-Roth coordenadora do LabLer/DLEMCAL. Acadêmicas do curso de Letras integrantes do grupo de leitura do LabLer e mestrando em Estudos Linguísticos, responsável pelo grupo de leitura em língua inglesa do LabLer, respectivamente.

curso de Letras, o contato com a sala de aula e a elaboração de material didático fazem parte apenas do programa da disciplina Didática do Inglês oferecida ao final do curso.

Nesse sentido, o LabLeR, em convênio com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), criou o projeto "Laboratório de Linguagens", que oferece aos alunos da graduação em Letras a oportunidade de trabalhar como alunos-tutores, envolvendo-se ativamente na preparação e na implementação de aulas de língua estrangeira.

Para esses alunos-tutores, a Internet tem se mostrado como uma fonte inesgotável de informação sobre as cinco línguas estrangeiras trabalhadas - alemão, espanhol, francês, inglês e italiano. Especialmente em relação à coleta de textos impressos, a Internet vem sendo utilizada pelo grupo de leitura do LabLeR, já que possibilita o acesso rápido e barato a porções genuínas de discurso. A rede oferece um número ilimitado de textos que podem ser usados em sala de aula, com maior liberdade em relação a direitos autorais.

O que se procura desenvolver no aprendiz de línguas é justamente a capacidade de trabalhar com discurso autêntico (Widdowson, 1991:113). Os textos coletados na Internet são amostras reais de uso da língua, isto é, textos impregnados de discursos produzidos por e dirigidos a falantes nativos como, por exemplo, textos jornalísticos ou publicitários publicados em jornais como *The New York Times* ou *USA Today*. A vantagem de trabalhar com esses textos é que eles não foram produzidos com a intenção de ensinar determinadas estruturas da língua ao leitor, mas sim com o fim de informar (e formar opinião). O tipo de texto usado pelo grupo de leitura se distancia do texto 'pasteurizado' - adaptado ao ensino de determinadas estruturas da língua, sem uma preocupação com a leitura como processo de construção de identidades:

Nesse caso o texto visa ser uma manifestação de partes selecionadas do sistema linguístico e como consequência esse texto acaba exibindo ocorrência tipicamente alta de certas estruturas. O texto assume um caráter de vitrine de amostras e a sua força enquanto discurso diminui proporcionalmente. A eficácia de textos desse tipo como um meio de manifestação de um grupo reduzido de elementos do sistema linguístico é conseguida à custa de um rebaixamento da fluência do sistema enquanto uso. Mesmo quando há uma tentativa de se introduzirem traços para emprestar uma aparência de normalidade esses traços não se plasman num texto de modo natural e servem somente para acentuar a sua anomalia (WIDDOWSON, 1991:110).

Lemos o que consideramos importante para nossas vidas e o que vai ao encontro de nossos interesses (idem:113). Portanto, apresentar a alguém uma série de excertos exigindo que os leia, não com o objetivo de aprender algo relevante sobre o mundo, mas sim com o fim de meramente conhecer estruturas da língua constitui-se em uma representação equivocada do uso da linguagem.

Lemos com algum propósito: para estabelecer comunicação com o mundo, para aprender algo novo e formular opiniões ou para buscar entretenimento (Wallace, 1992:06-07). Além disso, lemos também para descobrir direções, identificar procedimentos em manuais de instrução ou para cozinhar com o auxílio de uma receita de bolo. O curso de leitura do LabLeR concentra-se no desenvolvimento de estratégias básicas de leitura (*prediction, skimming e scanning*) que lhe possibilitem desenvolver atividades dessa natureza.

Uma vez que o material didático destinado ao ensino de língua inglesa é o ponto de partida para o desenvolvimento de uma aula (Bohn, 1988:293) é necessário que esse seja "atraente", através de temas interessantes, despertando no aluno o interesse pela leitura (Widdowson, 1991:114).

Um exemplo disso são as atividades da Unidade V do livro *Basic Reading* elaborado por um dos autores¹ deste trabalho. As atividades são propostas a partir de um texto retirado da versão on-line do jornal *USA Today* (<http://www.usatoday.com>) de autoria de James Freeman, intitulado *Sex doesn't sell*².

Primeiramente, o professor propõe ao aluno que ele faça um primeiro contato com o texto utilizando a estratégia *prediction* (Aebersold & Field, 1997:15-16). A estratégia *prediction* envolve uma pré-leitura do texto com base nos recursos visuais como título, subtítulo, fonte e indicações de datas, relacionando-os entre si e com o seu conhecimento de mundo. Dessa forma o aluno pode prever sobre o que trata o texto.

Em seguida é proposto o *skimming*, uma estratégia de leitura superficial para retirar a idéia global do texto através da identificação de palavras-chave.

¹ Leandro Lopes do Prado

² Em anexo

No primeiro exercício, o aluno retira informações sobre o texto tais como: fonte, autor, período que o estudo abordado no texto foi realizado e o que motivou a realização deste estudo. Baseado nessas informações, o aluno tem uma compreensão básica do assunto do texto.

No segundo exercício, o aluno relaciona o número do parágrafo com a idéia que ele contém. Nesse exercício, ele deve identificar em que parágrafo do texto se encontram determinadas informações. Como as atividades estão escritas em português, muitas vezes, evidenciam-se as diferenças existentes entre os dois idiomas.

Na terceira atividade, o aluno deve indicar a que/quem se referem os pronomes destacados no texto. O objetivo desse exercício é estabelecer a relação de coesão e coerência entre as sentenças, explorando os referentes e a recuperação destes no texto.

Omitindo-se a quarta, a quinta atividade propõe relacionar as palavras *truly*, *true*, *truth* e *untrue* aos seus significados, visando trabalhar o processo de formação de palavras. Através desse exercício, o aluno é sensibilizado para a noção de que certas palavras podem ter significados diferentes conforme os prefixos e/ou sufixos que elas apresentam.

Na última atividade, o aluno deve identificar, dentre as alternativas dadas, a que apresenta a idéia sugerida pelo título do texto.

A última estratégia utilizada é o *scanning*:

uma leitura detalhada, visando a informações específicas no texto. Os alunos, em conjunto com o professor, fazem um desmembramento do texto, destacando o vocabulário desconhecido e determinadas estruturas da língua, a fim de que haja a compreensão total do texto, que é o verdadeiro objetivo do curso.

Com essa fundamentação teórica, o curso de leitura em inglês do projeto "Laboratório de Linguagens" do LabLer visa elaborar material didático atualizado que introduza o aluno à leitura de textos em língua inglesa. O processo de leitura é enfatizado para que, diante de um texto escrito em inglês, o aluno seja capaz de compreendê-lo em sua totalidade. Lendo em uma língua estrangeira, o leitor amplia suas possibilidades de acesso à informação e ao conhecimento, aprimorando sua capacidade de organizar e representar o mundo que o cerca

Referências bibliográficas

- AEBERSOLD, J. A. & FIELD, M. L. *From Reader to Reading Teacher*. New York: Cambridge, 1997.
- BOHN, H. & VANDRESEN, P. (org.) *Tópicos de Linguística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988.
- MOITA LOPES, L.P. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MOTTA-ROTH, D (org). *Leitura em língua estrangeira na escola*. Santa Maria: UFSM, PROGRAD, COPERVES, 1998.
- WALLACE, C. *Reading*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- WIDDOWSON, H. G. *O ensino de Línguas para comunicação*. Campinas: Pontes, 1991

NextCard
 800-424-2444
 4000 10001

Franchise
 solutions
 800-424-2444
 4000 10001

Win a trip!
 Spend \$1000 in 1998
 in Florida

Sex doesn't sell?

By James Freeman

Why does Hollywood put out tons of movies filled with sex and violence? According to an amazing new study of entertainment industry finances, it's not because they make money. In fact, the more bare breasts and gunshot wounds a movie displays, the less profitable it is. Is this possible?

Inside News

Nationline

Washington

World

Politics

Opinion

Columnists

Snapshot

Science

States

Weird news

Search

NEWSPAPER

Archives

OUR SITE

2000-2001

Resources

Index

Search

Feedback

What's hot

About us

Jobs at USA

TODAY

Free premiums

Writing in the current issue of *Forbes*, Father Robert Sirico reports on the stunning results of a study commissioned by the Dove Foundation, a non-profit group that promotes family values in movies. The study, which covered the period 1988-1997, revealed that the average G-rated film is more than eight times as profitable as the average R-rated film. In its first two years of release, the average R-rated movie makes a gross profit of just \$11 million, while the average G-rated release does blockbuster business: \$94 million in gross profits.

The home video market is where the family fare makes most of its money, but even if you look only at box office revenue, G-rated movies still outperform all others. As you move up the ratings scale from G to R, movies make less money the more sex and violence they contain. PG movies make more money than those with a PG-13 rating, and they in turn make more than R-rated films. According to Sirico, "This bears repeating: Family movies are the biggest moneymakers."

Given the source of these findings, you might be skeptical. After all, common sense says that a lot of us enjoy watching movies with sex and violence. But there's reason to think that Hollywood may be leaving money on the table when it comes to making family films.

Look at 1998, a year not included in the study. Five G-rated animated films did crazy business — *A Bug's Life*, *Antz*, *Mulan*, *Prince of Egypt* and *Rugrats*. Disney's *A Bug's Life* is still in the top 20 among current releases, with more than \$161 million in domestic box office revenues to date. *Rugrats* and *Prince of Egypt* are still chugging along at the \$100 million level each. Now consider that Disney and the other studios don't have to pay \$20 million a picture to the stars of animated films, and it's easy to see how these films can make huge profits.

The standard Hollywood explanation is that they're really in the business of making art, not money. I understand that free artistic expression can't always be sized to fit somebody's rating system, but I don't think one movie out of 50 can truly be called "art." And if the story and the acting are strong, a film doesn't have to show every graphic detail to become a classic.